

## 1. MACKENZIE 1996

"Na ata da reunião, registraram-se todas as opiniões dos presentes."

Assinale a alternativa que apresenta corretamente a classificação da partícula SE, na frase acima.

- a. índice de indeterminação do sujeito
- b. pronome reflexivo (objeto direto)
- c. partícula apassivadora
- d. conjunção subordinativa integrante
- e. palavra de realce

## 2.

Uma das alternativas apresenta o pronome reflexivo se:

- a. Cristiane deixou-se fitar e examinar.
- b. Voltarei cedo se quiseres.
- c. Queixou-se das questões do concurso.
- d. Alugam-se vários apartamentos.
- e. Precisa-se de pedreiros para a nova obra.

## 3.

Aponte a alternativa em que o se é índice de indeterminação do sujeito:

- a. Trabalha-se dia e noite.
- b. Pedro atirou-se na piscina.
- c. Ela sempre se faz de boba.
- d. Ele julga-se um grande sábio.
- e. Consertam-se eletrodomésticos.

## 4.

Em todas as orações abaixo, a palavra "se" aparece como pronome reflexivo, exceto em:

- a. Os namorados beijavam-se calorosamente
- b. Mãe e filha queriam-se muito
- c. Suicidou-se numa noite de verão
- d. Era-se feliz na fazenda
- e. Cortou-se a pobre menina nos arames farpados

## 5. FAAP 1996

## SONETO DE SEPARAÇÃO

*De repente do riso fez-se o pranto  
Silencioso e branco como a bruma  
E das bocas unidas fez-se a espuma  
E das mãos espalmadas fez-se o espanto.*

*De repente da calma fez-se o vento  
Que dos olhos desfez a última chama  
E da paixão fez-se o pressentimento  
E do momento imóvel fez-se o drama.*

*De repente, não mais que de repente  
Fez-se de triste o que se fez amante  
E de sozinho o que se fez contente*

*Fez-se do amigo próximo o distante  
Fez-se da vida uma aventura errante  
De repente, não mais que de repente.*

(Vinícius de Moraes)

"E das bocas unidas fez-se a espuma". A partícula "se" é o:

- a. sujeito
- b. índice da indeterminação do sujeito
- c. objeto direto
- d. objeto indireto
- e. pronome apassivador

## 6. UNIFESP 2003

INSTRUÇÃO: A questão seguinte está relacionada ao seguinte anúncio de jornal:

### LOJA DE CALÇADOS FEMININO

*Vende-se 3 lojas bem montadas  
tradicionais, nos melhores Pontos  
da Cidade. Ótima Oportunidade!*

F: (\_\_\_) xxx-xxxxxx

(O Estado de S.Paulo, 15.08.2002)

No corpo do anúncio, a expressão "Vende-se 3 lojas bem montadas"

- a. apresenta problema de concordância verbal. Deveria ocorrer na forma "Vendem-se" porque "se" é índice de indeterminação do sujeito, e "lojas" é o sujeito paciente.
- b. não apresenta problema de concordância verbal porque "se" é índice de indeterminação do sujeito, e "lojas" é o objeto direto.
- c. apresenta problema de concordância verbal. Deveria ocorrer na forma "Vendem-se" porque "se" é partícula apassivadora, e "lojas" é o sujeito paciente.
- d. não apresenta problema de concordância verbal, porque "se" é partícula apassivadora, e "lojas" é o sujeito paciente.
- e. apresenta problema de concordância verbal. Deveria ocorrer na forma "Vendem-se" porque "se" é pronome reflexivo com função sintática de objeto indireto, e "lojas" é o objeto direto.

**7.**

No período: "Não se fazem automóveis como antigamente", a palavra se é:

- a. pronome reflexivo;
- b. índice de indeterminação do sujeito;
- c. pronome interrogativo;
- d. partícula apassivadora
- e. NDA

**8.**

Na frase: "Trabalhou-se com prazer", a palavra se é:

- a. pronome reflexivo;
- b. índice de indeterminação do sujeito;
- c. partícula apassivadora.
- d. NDA

### **9. FAAP**

Assinale a frase na qual o SE não é pronome apassivador e nem índice de indeterminação do sujeito:

- a. Estudou-se este assunto.
- b. Ela se suicidou ontem.
- c. Falou-se muito sobre aquela festa.
- d. Aos inimigos não se estima.
- e. Fizeram-se reformas na casa.

**10.**

Assinale a opção em que "se" funciona como índice de indeterminação do sujeito:

- a. Se Tereza não for a festa, também não irei.
- b. A criança machucou-se na bicicleta.
- c. Trata-se do primeiro e último fundo no Brasil
- d. Ele impôs-se uma disciplina rigorosa.
- e. "Ergueu-se, passou a toalha no rosto"

**11.**

Eis alguns fragmentos poéticos pertencentes a Manuel Bandeira. Analise-os tendo em vista a posição ocupada pelo pronome oblíquo "se":

"Aqui dança-se, canta-se, fala-se  
E bebe-se incessantemente" (...)

- a. índice de indeterminação do sujeito.
- b. partícula apassivadora
- c. pronome reflexivo
- d. n.d.a

## 12.

Em qual das frases abaixo a função da palavra "se" é de pronome reflexivo?

- a. Querem-se muito.
- b. Irei a tua casa, se não chover.
- c. Vive-se em paz aqui.
- d. Ele queixou-se dos maus tratos recebidos.

## 13. UFU 2007

<sup>3</sup>A histórica falta de lucidez de sucessivos governos para solucionar os problemas sociais provoca hoje o fenômeno social da informalidade e do crime, e o comércio ostensivo de produtos piratas toma conta dos logradouros públicos.

A tolerância de parte da população - que consome, conscientemente, esses produtos ilegais - e dos governos - que, muitas vezes, cedem os espaços públicos, sob o argumento de que "a informalidade é a alternativa para o desemprego" - só estimula o aumento dessa atividade, dominada por organizações criminais de alcance internacional.

<sup>11</sup>O comércio ostensivo de produtos piratas e o consumo consciente de tais produtos são sinais de uma sociedade que já não se abala com a violação de normas.

Infelizmente, cada vez mais pessoas incluem na rotina diária a violação como forma de ter vantagens, o que constitui gravíssima questão cultural. Essa cultura que aceita e valoriza a transgressão - desde que ela traga vantagens - passa de uma geração para a outra, e, em cada nova geração, o problema se agrava, pois <sup>10</sup>cada vez mais se perde o contato com um padrão ético que um dia existiu. <sup>14</sup>E todos caminhamos na direção de uma sociedade transgressora, sem limites éticos e sem segurança jurídica.

<sup>8</sup>Por isso, a abordagem do Estado para o comércio informal de produtos piratas não pode envolver a tolerância ao crime. É exatamente o conjunto de todas as "pequenas tolerâncias" que nos leva a uma sociedade amedrontada pelos "grandes crimes".

Aceitar a pirataria sob a alegação de que ela pode ser a válvula de escape para o problema social do desemprego é um gravíssimo erro. <sup>15</sup>Se não formos capazes de evitar as causas sociais da criminalidade, tolerar o crime porque atrás dele pode estar essa questão social é errar outra vez.

<sup>12</sup>O dinheiro que entra no comércio da pirataria - por exemplo, quando um pai, acompanhado de seu filho, compra um DVD infantil pirata de um camelô - circula pelos vasos comunicantes que interligam as diversas organizações criminais na clandestinidade e poderá se materializar na frente daquela criança, na forma de um traficante na porta da escola.

<sup>5</sup>Esse é o preço que se paga pela tolerância ao crime, disfarçado de solução informal para problemas sociais não resolvidos.

Sob o aspecto criminal, aceitar ou mesmo estimular que a polícia tolere o crime porque pode existir por trás dele a questão social é dar a ela um poder que, no futuro, poderá voltar-se contra o próprio cidadão. A polícia deve agir dentro de um espaço discricionário perfeitamente delimitado pela lei, o que constitui, sobretudo, uma garantia para a sociedade.

<sup>6</sup>Essa obrigação não se limita à polícia, mas se estende às administrações municipais, já que o ato de comércio deve ser regulado e fiscalizado pelas prefeituras, que têm o poder-dever de agir quando a atividade de comércio é exercitada irregularmente, como na venda de produtos piratas.

Sob o aspecto econômico, <sup>1</sup>a informalidade é uma das causas do baixo crescimento do país. Se eliminássemos a informalidade, nossa economia cresceria mais 2,5 pontos percentuais por ano, segundo a consultoria McKinsey.

<sup>9</sup>A informalidade e a pirataria espantam os investimentos externos produtivos, geradores de desenvolvimento. <sup>4</sup>Um país com elevados índices de informalidade e de desrespeito à propriedade intelectual é visto como uma mesa de jogo de azar, só atraindo o investimento especulativo.

<sup>16</sup>E não podemos jamais esquecer que, se de um lado existem pessoas que optaram por violar a lei, comercializando produtos piratas, de outro lado existem muitos cidadãos honestos que são duplamente virtuosos: pois são honestos e porque, todo dia, optam por continuar honestos, a despeito da concorrência criminosa e desleal da pirataria. E esses cidadãos merecem a proteção do Estado, como ponto de partida para a criação de uma sociedade próspera e justa.

<sup>13</sup>Mas o combate à pirataria também é um ato de proteção voltado aos "camelôs" envolvidos no comércio de produtos piratas nas ruas das cidades, pois eles são "escravos" da organização criminal da pirataria.

<sup>7</sup>Por tudo isso, 2combater a informalidade e a pirataria é, sobretudo, recuperar os valores éticos nas relações sociais, ponto de partida para a criação de uma sociedade próspera e justa.

Carlos Alberto de Camargo. Folha de S. Paulo, 7 de novembro de 2006.

Assinale a ÚNICA alternativa em que o termo em destaque constitui marca de indeterminação do agente.

- "Essa obrigação não SE limita à polícia [...]". (ref. 6)
- "[...] cada vez mais SE perde o contato com um padrão ético que um dia existiu." (ref. 10)
- "O comércio ostensivo de produtos piratas e o consumo consciente de tais produtos são sinais de uma sociedade que já não SE abala com a violação de normas." (ref. 11)
- "O dinheiro que entra no comércio da pirataria [...] poderá SE materializar na frente daquela criança [...]". (ref. 12)

#### 14. ENEM 1999



(QUINO. "Mafalda inédita". São Paulo: Martins Fontes, 1993)

Observando as falas das personagens, analise o emprego do pronome **se** e o sentido que adquire no contexto. No contexto da narrativa, é correto afirmar que o pronome **se**,

- em I, indica reflexividade e equivale a "a si mesmas".
- em II, indica reciprocidade e equivale a "a si mesma".
- em III, indica reciprocidade e equivale a "uma às outras".
- em I e III, indica reciprocidade e equivale a "uma às outras".
- em II e III, indica reflexividade e equivale a "a si mesma" e "a si mesmas", respectivamente.

#### 15. UFU 2011

<sup>5</sup>Com o advento da internet, criam-se novos mecanismos para quem busca ser uma celebridade ou tornar-se, pelo menos, conhecido. Um exemplo disso é a utilização das redes sociais – o Facebook, Twitter e o Orkut, entre outros – pelos aspirantes a famosos, que desejam alcançar os seus quinze minutos de fama – previstos por Andy Warhol em 1960 –, por meio da utilização dessas ferramentas. <sup>12</sup>Essas redes, que surgiram prioritariamente como um agente para a integração social, criam um ambiente propício para o exibicionismo e o voyeurismo (prática que consiste no prazer a partir da observação de outras pessoas), onde ser contemplado é o que importa.

Sobre essa prática, Paula Sibília, professora do Instituto de Artes e Comunicação Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), comenta que a rede tem proporcionado uma espécie de democratização na busca pelo estrelato. <sup>9</sup>“A internet oferece um outdoor com espaço para todos: nessas vitrines mais populares, qualquer um pode ser visto como tem direito. As opções são inumeráveis e não cessam de se multiplicar: blogs, fotologs, Orkut, Facebook, MySpace, Twitter, Youtube e um longo etcétera”.

O temor da chamada “invasão de privacidade”, segundo a professora, dá espaço para o quase oposto: o aparecer, ser visto, contemplado e admirado. Para ela, o exibicionismo na rede ocorre a partir da necessidade que as pessoas têm de serem vistas, e como uma forma de confirmação de que existem e estão vivas. <sup>8</sup>As pessoas mostram-se como um personagem, saciando a voracidade e a curiosidade de outras. “Tudo aquilo que antes concernia à pudica intimidade pessoal tem se ‘evadido’ do antigo espaço privado, transbordando seus limites, para invadir aquela esfera que antes se considerava pública. <sup>6</sup>O que se busca nessa exposição voluntária, que anseia alcançar as telas globais, é se mostrar, justamente: constituir-se como um personagem visível. <sup>2</sup>Por sua vez, essa nova legião de exibicionistas satisfaz outra vontade geral do público contemporâneo: o desejo de espionar e consumir vidas alheias”.

<sup>10</sup>Cláudia da Silva Pereira, professora do Centro de Ciências Sociais, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, também acredita que <sup>7</sup>na internet se cria um espaço para que as pessoas vivam outros personagens e consigam, deste modo, uma espécie de autorrealização pessoal. <sup>17</sup>“Podemos ser ali o que desejarmos, construindo perfis de acordo com o que projetamos ser o ideal. Ou não. <sup>3</sup>Afinal, a internet abre ainda mais espaço para condutas sociais desviantes que raramente poderiam se concretizar na vida off-line. Aderir a comunidades politicamente incorretas, criar perfis falsos ou transitar por comunidades que consideramos ‘exóticas’ pode ser uma ótima maneira de buscar a experimentação e, conseqüentemente, a realização, da mesma forma”, conclui.

Sibília aponta ainda para a ruptura de um padrão de vida em que os muros já não protegem mais a privacidade individual. “Das webcams até os paparazzi, dos blogs e fotologs até YouTube e MySpace, das câmeras de vigilância até os reality shows e talk shows, a velha intimidade transformou-se em outra coisa. E agora está à vista de todos. <sup>16</sup>Ou, pelo menos é isso o que conseguem aqueles afortunados: os famosos”. <sup>1</sup>Já Pereira lembra que a “espetacularização” do cotidiano atinge a todos, invariavelmente, ao utilizarem essas ferramentas sociais, levando a uma maior permissividade com relação ao que é restrito ou irrestrito, ao que é público e ao que é privado. “A própria ideia de fronteira é imprecisa em se tratando de internet. É evidente que existe a opção de se compartilhar ou não da intimidade na internet, <sup>15</sup>existe até mesmo a opção de não participar de redes sociais on-line, mas esta já parece ser uma escolha que limita o trânsito em diversos espaços sociais. <sup>11</sup>A superexposição nas redes sociais on-line tem seus reflexos na vida off-line, assim como a simples ausência”.

Outra rede social em que a exposição está presente e nem sempre de maneira benéfica é o Youtube. <sup>13</sup>Inúmeros são os casos de pessoas que se tornam famosas por meio da utilização dessa ferramenta, sem se importarem em ser reconhecidos por postarem vídeos de gosto duvidoso ou grotesco, confirmando a obsessão de muitos na busca pela fama a qualquer custo. “Esses sujeitos têm fortalecido o hábito de serem reconhecidos pelo que fazem de transgressão e não por respeitarem a ordem social. Em toda prática de desvio de conduta, sempre podemos acreditar que o meio ou a ferramenta apenas facilitou o ato, que na verdade já havia no sujeito que o praticou uma predisposição para fazê-lo. Infelizmente, <sup>14</sup>os valores de determinados grupos sociais são refletidos nessas práticas e as conseqüências podem ser a banalização desses atos, aumentando as probabilidades de legitimá-las”, lembra Khater. Para ela, as pessoas não devem permitir que o virtual se sobreponha ao real. “Nós, seres humanos, precisamos da realidade, pois somos seres eminentemente sociais. Quando o virtual se sobrepõe ao real, nos sentimos vazios, pois sabemos da nossa necessidade de real aprovação em nosso meio social”.

Ainda, na contramão dos que buscam o reconhecimento, muitos famosos e celebridades encontram nas redes sociais uma forma de se aproximar das pessoas comuns, do seu público, de seus fãs. Artistas, jornalistas, músicos e público interagem de uma maneira mais natural. “É praticamente imperativo que uma celebridade mantenha um perfil no Twitter ou no Facebook, caso contrário ela simplesmente não existe no ambiente on-line. Desta forma, o público se aproxima daqueles que o sociólogo e filósofo Edgar Morin um dia chamou de ‘olimpianos’, aqueles que se veem obrigados a descer de seus altares dos meios de comunicação de massa para interagir em 140 caracteres com as pessoas ‘comuns’. O fã torna-se íntimo do ídolo, o que retira dessa relação grande parte de sua magia”, defende Pereira.

Para Francisco Rudiger, docente do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), as celebridades, ao migrarem para as redes sociais, têm seus carismas submetidos a testes cotidianos e banais. “As redes sociais abriram aos fãs a possibilidade de articular, mais ampla e cotidianamente, o culto de seus ídolos mas, por outro lado, atraíram estes últimos para um terreno onde sua capacidade de gerenciar a própria imagem e influência é muito mais fraca ou instável. As

celebridades não podem ficar fora das redes, se quiserem continuar sendo celebridades, mas a redução da distância que assim se instala, converte-se em fonte de perigo para sua condição”, acredita.

Ferrari aponta para o fim do antigo esquema celebridade-mídia-público. <sup>4</sup>Pois, agora, os fãs podem interagir diretamente com seus ídolos (e vice-versa), sem precisar de intermediário. “As mídias sociais tiraram os intermediários, ou seja, a grande mídia. Hoje uma celebridade interage diretamente com seus fãs pelo Twitter, Facebook, MySpace etc. O feedback é instantâneo”, conclui.

Disponível em: <<http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=59&id=751&tipo=0>>.

Acesso em: 12 de set. 2010. (Texto modificado)

Assinale a ÚNICA alternativa que NÃO apresenta indeterminação do agente.

- a. “Com o advento da internet, criam-se novos mecanismos para quem busca ser uma celebridade [...]” (ref. 5)
- b. “O que se busca nessa exposição voluntária, que anseia alcançar as telas globais é se mostrar [...]”. (ref. 6)
- c. “[...] na internet se cria um espaço para que as pessoas vivam outros personagens [...]”. (ref. 7)
- d. “As pessoas mostram-se como um personagem, saciando a voracidade e a curiosidade de outras.” (ref. 8)

## 16. MACKENZIE 1996

I - "O velho sorriu-SE, deixando apenas escapar em tom de dúvida um significativo - Qual..."

II - "Nada (...) SE conseguiu com a receita; o mal continuou."

III - "- Só lhe direi, respondeu a comadre depois de alguma hesitação, SE me prometerdes guardar todo o segredo, que o caso é muito sério."

IV - "As três velhas conversaram por longo tempo, não porque muitas coisas SE tivessem a dizer..."

Aponte a sequência correta quanto à classificação morfológica da palavra SE nessas frases de Manuel Antônio de Almeida.

- a. I - partícula expletiva, II - partícula apassivadora, III - conjunção subordinativa condicional, IV - pronome reflexivo.
- b. I - partícula apassivadora, II - partícula expletiva, III - conjunção subordinativa condicional, IV - pronome reflexivo.
- c. I - pronome reflexivo, II - partícula apassivadora, III - conjunção subordinativa integrante, IV - pronome reflexivo.
- d. I - partícula expletiva, II - partícula reflexivo, III - conjunção subordinativa condicional, IV - pronome reflexivo.
- e. I - partícula apassivadora, II - partícula apassivadora, III - conjunção subordinativa condicional, IV - partícula apassivadora.

## 17. IFSUL 2011

Será a felicidade necessária?

Felicidade é uma palavra pesada. Alegria é leve, mas felicidade é pesada. Diante da pergunta “Você é feliz?”, dois fardos são lançados às costas do inquirido. O primeiro é procurar uma definição para felicidade, o que equivale a rastrear uma escala que pode ir da simples satisfação de gozar de boa saúde até a conquista da bem-aventurança. O segundo é examinar-se, em busca de uma resposta. <sup>5</sup>Nesse processo, depara-se com armadilhas. <sup>6</sup>Caso se tenha ganhado um aumento no emprego no dia anterior, o mundo parecerá belo e justo; caso se esteja com dor de dente, parecerá feio e perverso. Mas a dor de dente vai passar, assim como a euforia pelo aumento de salário, e se há algo imprescindível, na difícil conceituação de felicidade, é o caráter de permanência. Uma resposta consequente exige colocar na balança a experiência passada, o estado presente e a expectativa futura. <sup>11</sup>Dá trabalho, e a conclusão pode não ser clara.

Os pais de hoje costumam dizer que importante é que os filhos sejam felizes. É uma tendência que se impôs ao <sup>1</sup>influxo das teses libertárias dos anos 1960. É irrelevante que entrem na faculdade, que ganhem muito ou pouco dinheiro, que sejam bem-sucedidos na profissão. O que espero, eis a resposta correta, é que sejam felizes. Ora, felicidade é coisa grandiosa. É esperar, no mínimo, que o filho sinta prazer nas pequenas coisas da vida. Se não for suficiente, que consiga cumprir todos os desejos e ambições que venha a abrigar. <sup>7</sup>Se ainda for pouco, que atinja o <sup>2</sup>enlevo místico dos santos. Não dá para preencher caderno de encargos mais cruel para a pobre criança.

“É a felicidade necessária?” é a chamada de capa da última revista *New Yorker* (22 de março) para um artigo que, assinado por Elizabeth Kolbert, analisa livros recentes sobre o tema. No caso, a ênfase está nas pesquisas sobre felicidade (ou sobre “satisfação”, como mais modestamente às vezes são chamadas) e no impacto que exercem, ou deveriam exercer, nas políticas públicas. Um dos livros analisados, de autoria do ex-presidente de Harvard Derek Bok (*The Politics of Happiness: What Government Can Learn from the New Research on Well-Being*), constata que nos últimos 35 anos o PIB per capita dos americanos aumentou de 17000 dólares para 27000, o tamanho médio das casas cresceu 50% e as famílias que possuem computador saltaram de zero para 70% do total. No entanto, <sup>8</sup>a porcentagem dos que se consideram felizes não se moveu. Conclusão do autor, de lógica <sup>3</sup>irrefutável e alcance revolucionário: se o crescimento econômico não contribui para aumentar a felicidade, <sup>10</sup>“por que trabalhar tanto, arriscando desastres ambientais, para continuar dobrando e redobrando o PIB?”.

Outro livro, de autoria de Carol Graham, da Universidade de Maryland (*Happiness Around the World: The Paradox of Happy Peasants and Miserable Millionaires*), informa que <sup>9</sup>os nigerianos, com seus 1400 dólares de PIB per capita, <sup>12</sup>atribuem-se grau de felicidade equivalente ao dos japoneses, com PIB per capita 25 vezes maior, e que os habitantes de Bangladesh se consideram duas vezes mais felizes que os da Rússia, quatro vezes mais ricos. Surpresa das surpresas, os afegãos atribuem-se bom nível de felicidade, e a felicidade é maior nas áreas dominadas pelo Talibã. Os dois livros vão na mesma direção das conclusões de um relatório, também citado no artigo da *New Yorker*, preparado para o governo francês por dois detentores do Nobel de Economia, Amartya Sen e Joseph Stiglitz. Como exemplo de que PIB e felicidade não caminham juntos, eles evocam os congestionamentos de trânsito, “que podem aumentar o PIB, em decorrência do aumento do uso da gasolina, mas não a qualidade de vida”.

Embora embaladas com números e linguagem científica, tais conclusões apenas repisariam o <sup>4</sup>pedestre conceito de que dinheiro não traz felicidade, não fosse que ambicionam influir na formulação das políticas públicas. O propósito é convidar os governantes a afinar seu foco, <sup>13</sup>se têm em vista o bem-estar dos governados (e podem eles ter em vista algo mais relevante?). Derek Bok, o autor do primeiro dos livros, aconselha ao governo americano programas como estender o alcance do seguro-desemprego (as pesquisas apontam a perda de emprego como mais causadora de infelicidade do que o divórcio), facilitar o acesso a medicamentos contra a dor e a tratamentos da depressão e <sup>14</sup>proporcionar atividades esportivas para as crianças. Bok desce ao mesmo nível terra a terra da mãe que trocasse o grandioso desejo de felicidade pelo de uma boa faculdade e um bom salário para o filho.

TOLEDO, Roberto Pompeu. Veja. Março de 2010.

Em qual passagem abaixo, a partícula se desempenha a mesma função desempenhada em Nesse processo, depara-se com armadilhas (ref. 5)?

- a. caso se esteja com dor de dente, parecera feio e perverso. (ref. 6)
- b. Se ainda for pouco, que atinja o enlevo místico dos santos. (ref. 7)
- c. ... a porcentagem dos que se consideram felizes não se moveu. (ref. 8)
- d. ... os nigerianos, com seus 1400 dólares de PIB per capita, atribuem-se grau de felicidade equivalente ao dos japoneses... (ref. 9)

## 18.

Assinale a alternativa em que o pronome se está apassivando o verbo:

- a. Tempo não se mede pelos ponteiros do relógio, mas pelo vácuo da comunicação.
- b. Ao entrar no auditório, todos se sentiram enleados com a beleza do local.
- c. Vão-se embora os mais coloridos sonhos com a chegada da maturidade.
- d. Esqueceu-se dos fardos diários, enquanto olhava a pilha de pratos para lavar.
- e. Precisa-se de muita calma e jeito para o consolo de um singular amigo.

## 19. ITA 1999

O tempo do pescador é medido pelos ciclos da natureza, pelo decorrer dos dias e noites no ambiente marítimo e pelo comportamento das espécies. Na pesca tradicional os róis, sob a orientação dos capitães e mestres de pesca, dividem tarefas através do tempo de



trabalho por eles estipulado. O senso de liberdade, tão caro aos homens do mar, está muito ligado à autonomia sobre o tempo, podendo-se mesmo dizer que decorre dela.

Quando os pescadores são incorporados à pesca empresarial, a autoridade do mestre, que lhe é conferida pelo conhecimento que detém e pela tradição, vê-se substituída pelas ordens dos patrões e dissolvida pela interferência do pessoal de terra no trabalho dos embarcados.

(Maldonado, S.C. PESCADORES DO MAR. São Paulo: Ática, 1986.)

Assinale a opção que apresenta as respectivas funções da palavra "se" empregada em: ".....podendo-se mesmo dizer....."(ref.2) e ".....vê-se substituída....."(ref.3)?

- a. Partícula de realce; pronome reflexivo.
- b. Índice de indeterminação do sujeito; partícula de realce.
- c. Pronome apassivador; pronome apassivador.
- d. Parte integrante do verbo; parte integrante do verbo.
- e. Parte integrante do verbo; pronome apassivador.

**GABARITO:** 1) c, 2) a, 3) a, 4) d, 5) e, 6) c, 7) d, 8) b, 9) b, 10) c, 11) a, 12) a, 13) b, 14) e, 15) d, 16) a, 17) a, 18) a, 19) c,

